

# A DANÇA NO MAR HISTÓRICO DAS PALAVRAS POÉTICAS: JOÃO CABRAL DE MELO NETO E SOPHIA DE MELLO BREYNNER ANDRESEN (1933-1974)

FERNANDA RODRIGUES GALVE\*

**Resumo:** Este artigo é uma navegação no multiverso da vida e obra de João Cabral de Melo Neto e de Sophia de Mello Breyner Andresen cujo ancoramento está na visibilidade do trabalho poético com a aproximação de seus significados e mediações no mar da história. Busca-se refletir como a capacidade da práxis artística comporta em si uma dimensão política e histórica.

**Palavras-chave:** Poesia portuguesa; Ditadura salazarista; Linguagem.

***Abstract:** The history of dance at sea poetic words: João Cabral de Melo Neto e Sophia de Mello Breyner Andresen (1933-1974). This article is a multiverse of navigation on the life and work of João Cabral de Melo Neto and Sophia de Mello Breyner Andresen whose anchorage of the research is in the visibility of the poetic work with the approach of its meanings and mediations in the sea of History. It attempts to reflect how the ability of artistic praxis holds itself a political and historical dimension.*

***Key-words:** Poetry portuguese; Dictatorship of Salazar; Language.*

---

\* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).  
E-mail: <fgalve@ig.com.br>.

A paixão de João Cabral pelo mar é compartilhada com a poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, um mar nem sempre calmo e navegável. A poeta mergulhou em seu tempo histórico na missão de apresentar aos portugueses, por meio do seu trabalho, a consciência sobre a repressão do regime ditatorial comandado por Antônio de Oliveira Salazar, de 1933 a 1974. A escritora apresentou a repressão e as dificuldades sociais em sua obra poética ultrapassando a história de seu tempo presente com a liberdade de sua imaginação.

As formas de “revoluções” promovidas pela arte alcançam intensidade proporcional aos trajetos de busca das transformações. Neste sentido, a Revolução dos Cravos, em 1974, representa a mudança na vida dos portugueses quanto às suas relações sociais e artísticas que perduram até hoje. Em 1974, a libertação das amarras até então aplicadas às atividades criativas e questionadoras, possibilitou uma nova forma de organização editorial.

Nos anos 1970, auge da sua poesia como forma de resistência, Sophia apresenta uma obra chamada *Grades*. Ela também escreveu, em comemoração ao fim da ditadura, poemas que falavam sobre a Revolução dos Cravos com exaltada esperança no futuro, proclamada especialmente em *O nome das coisas*, de 1977. É importante notar que a arte literária de Sophia não se limitou a realizar simples representações da revolução como gesto modificador da sociedade portuguesa.

A poetisa captou a necessidade de repensar os trajetos da expressão artística em função do sofrimento causado pela censura dura e limitadora do regime salazarista, mas que proporcionou um empenho de vários artistas para a queda daquele sistema repressor. Com base em sua percepção da realidade e visão como escritora, Sophia compreende e apreende seu momento histórico em palavras. O texto e a escritora poderiam ter ficado cerceados por um regime de forças, no qual a censura ameaçava a comunicação. Contudo, não apenas a censura criada pela ditadura de Salazar tolhia a liberdade criativa, mas também o julgamento e o medo das consequências de um ato reprovável pela ditadura. Escrever para Sophia é provocar e enfrentar essa situação. A censura, tal como vista em muitas outras ditaduras, não apenas em Portugal, gera o isolamento dos artistas, pois reprime com violência e prisão os novos pensamentos ou demonstrações de não conformidade com o regime vigente.

O abismo que separa o desejo da comunicação com a opressão do regime salazarista é analisada como uma liberdade sequestrada e criadora de expressões simbólicas sem limitações. Sophia denunciava os mecanismos opressores fazendo uso de metáforas ou de palavras míticas.

O fato de a história ser vista quando existe tormenta no mar das verossimilhanças não impõe que a agitação seja a culpada por trazer a tempestade, pelo contrário, no poema de Sophia, ela se transforma em representação do confronto e da resistência. A poetisa segue

a trajetória e o risco da vida para não correr o perigo de seguir em frente e ser barrada por não ter tentado mudar o que vivenciava. Para não ceder ao abismo e ser presa, prepara a descoberta e a reflexão da severa realidade por meio da escrita. Ao invés de ceder ao medo e ao não enfrentamento, Sophia opta por se elevar sobre o mar em fúria, lúcida e atenta aos perigos. Trata-se de uma representação do social na qual localiza a imagem e a sua identidade. A construção poética ressalta a dramaticidade, a luta desigual entre as forças da tempestade e se contrapõe aos abismos a partir da insegurança e do risco de morte que exacerba a vontade de vida. A poesia de Sophia é de resistência, sobretudo, por denunciar as injustiças da opressão e da barbaridade que ocorria em Portugal no governo de Salazar. Tratava-se de enfrentar uma tormenta pelas palavras. Um exemplo é o poema *Data*, publicado no *Livro sexto*:

Data  
(à maneira d'Eustache Deschamps)

Tempo de solidão e de incerteza  
Tempo de medo e tempo de traição  
Tempo de injustiça e de vileza  
Tempo de negação  
Tempo de covardia e tempo de ira  
Tempo de mascarada e de mentira  
Tempo que mata quem o denuncia  
Tempo de escravidão

Tempo dos coniventes sem cadastro  
Tempo de silêncio e de mordça  
Tempo onde o sangue não tem rasto  
Tempo de ameaça.<sup>1</sup>

Os regimes ditatoriais promovem a tormenta da negação, covardia, mentira, silêncio e sangue. Não importa a localidade, os regimes ditatoriais provocam angústias e revoltas. A hipótese de uso das aflições e inquietações seleciona o foco abordado pela história e as formas de representá-la. A comparação dos poemas e vivências de Sophia de Mello Breyner Andresen e João Cabral de Melo Neto é possível tanto pela forma técnica de escrita dos poemas, quanto pelo rigor dos versos e a *secura* na escolha das palavras e na apreensão da realidade em busca de uma possível transformação.

A poesia depende de uma aguçada e sensível percepção das coisas e da vida, da capacidade de lidar com as palavras explorando seus efeitos sensoriais e plásticos e extraíndo tudo o que poderiam render na força plástica, visual, gestual e sensorial da linguagem. O diálogo tem por finalidade realizar a si mesmo, mas, enquanto tal, necessita dos outros ao incorporar, com suas próprias forças pessoais, a globalidade das forças sociais constituída por todas as outras individualidades.

O poeta é um revolucionário da linguagem ao falar e pensar o mundo por novos ângulos. A poesia se preocupa com o indiví-

---

<sup>1</sup> ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Poesia. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1944, v. 1, p. 150.

duo e a revolução do olhar. A poesia não oferece uma afirmação do *despoder*; é uma linguagem a propor a experiência do novo, do múltiplo. O olhar do homem oferece a possibilidade de experimentar a linguagem, a forma de dizer e falar do mundo poeticamente no qual o homem exercita o desejo. As poesias em si já são multidimensionais e, para sua construção, constituem-se de pensamento, imagem e ritmo próprios que se interligam como raízes de uma mesma árvore. Essa árvore possui o mesmo tronco, o mesmo saber que, com o passar da história, constitui-se de valores, consciência e anseios em eterna transformação. Em seus ramos, guarda as lembranças, crenças e esperanças que são mutáveis e se renovam a cada nova estação, como a poesia.<sup>2</sup>

A palavra poética tenta expressar a natureza do tempo que articula arranjos próprios para constituir um tempo denso, subjetivo e histórico. Então, o que é um tempo datado quando subtraído à memória (individual ou coletiva) e à consciência presente que o interroga e ilumina?<sup>3</sup>

O tempo é formado pela conexão entre as diferentes dimensões sociais, políticas e intelectuais que procuram identificar a sociedade e suas experiências. A lembrança permite caracterizar procedimentos no tempo e distinguir práticas políticas e culturais.

---

<sup>2</sup> GALVE, Fernanda Rodrigues. *Ser(tão) Severino: memórias poéticas de João Cabral de Melo Neto (1950-1960)*. 2006. 188 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2006, p. 40.

<sup>3</sup> GALVE, op. cit., 2006, p. 10.

Um dos caminhos para a ligação entre tempo e memória é a possibilidade de penetrar no reino das palavras, uma vez que os acontecimentos que nos são dados nem sempre permitem interrogar a nossa experiência. E o texto escrito delimita experiências, fatos e condutas do homem em sociedade. Sophia se expõe como: “Trago o terror e trago a claridade, / E através de todas as presenças / Caminho para a única unidade.”<sup>4</sup> Ou: “Na clara paisagem essencial e pobre / Viverei segundo a lei da liberdade / Segundo a lei da exacta eternidade.”<sup>5</sup> Uma leitura atenta da obra de Sophia apresenta a eternidade e a união vinculadas à esperança de um “caminho para” a vida que assegura um futuro, mas não o apresenta. Seus poemas procuram uma realidade com uma possibilidade de travessia entre os avessos e transitórios espaços de existências. Ao poetizar e unir suas palavras ao mundo, Sophia torna sua escrita integrada ao mundo das formas universais, tornando-as uma realidade ainda mais real. Isso é possível, pois Sophia cultiva uma mimese das paisagens, do homem e dos objetos por meio de uma aderência das palavras à história.

A poetisa em seu livro *Navegações* sugere “uma aventura radicada no contacto com um mundo encarado como imanência pura e na capacidade de o homem se deixar maravilhar por um real que excede todas as expectativas.”<sup>6</sup> O aparecimento do mundo se

---

<sup>4</sup> ANDRESEN, op. cit., 1944, p. 46.

<sup>5</sup> ANDRESEN, op. cit., 1944, p. 31.

<sup>6</sup> NAVA, Luis Miguel. *Ensaio reunidos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 174.

anuncia “numa nudez desprovida de qualquer adorno [...] retórico”, sendo “imediatamente apreendida como um excesso.”<sup>7</sup> Neste sentido, há, na poesia de Sophia, um anseio de formar um mundo mais livre. Ao ver as paisagens, sempre em sua totalidade, como uma espectadora viva e ativa, proclama a força, a amplitude do estar no mundo. A poesia brota do empenho de aprimorar o tempo na dialógica possibilidade de representar o real. A realidade, se é navegável, o trajeto de viver não provoca tormenta e agrega olhares possíveis para uma mudança social e política.

Essa proximidade entre João Cabral e Sophia aparece no livro *A educação pela pedra* (1962-1965) e também no poema *Elogio da usina*, de Sofia de Mello Breyner Andresen. João Cabral tem uma grande admiração por Sophia e seu comportamento de solidariedade e amor por Portugal.<sup>8</sup> Porém, Cabral somente será transferido para Portugal, na cidade do Porto, em 1982, onde permaneceu até 1986, no posto de cônsul geral:

O engenho bangüê (o rolo compressor,  
mais o monjolo, a moela da galinha,  
e muitas moelas e moendas de poetas)  
vai unicamente numa direção: na ida.  
Ele faz quando na ida, ou ao desfazer

em bagaço e caldo; ele faz o informe;  
faz-desfaz na direção de moer a cana,

---

<sup>7</sup> NAVA, op. cit., 2004, p. 174.

<sup>8</sup> MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.



que aí deixa; e que de mel nos moldes  
 madura só, faz-se: no cristal que sabe,  
 o do mascavo, cego (de luz e de corte).

Sofia vai de ida e de volta (e a usina);  
 ela desfaz-faz e faz-refaz mais acima,  
 e usando apenas (sem turbinas, vácuos)  
 algarves de sol e mar por serpentinas.  
 Sofia faz-refaz, e subindo ao cristal,  
 em cristais (os dela, de luz marinha).<sup>9</sup>

Nesse poema, João Cabral defende, no denso processo de produção do engenho, a influência entre a obra da poeta que, das “muitas moelas e moendas de poetas” moem e produzem possibilidades no ato de desfazer ou fazer sua obra. Neste gesto, o movimento único do trajeto só de ida é contestável e transformável. Os poemas de Sophia são definidos como “afirmação ontológica e ética da coincidência total entre o simbólico (o lógico) e o real (o lírico). [...] E é o curto-circuito que faz que o real apareça, não como representação estética, mas como alucinação poética, de uma nitidez insuportável.”<sup>10</sup> Com a sua presença forte, questionadora e o seu posicionamento contra o serviço da política realizada pelo “Salazarismo”, Sophia coloca em questão o tratamento burocrático da linguagem contrária à poesia livre de amarras. O regime Salazarista se apoiava na propaganda de sua política de

<sup>9</sup> MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*: volume único. Organização Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 339.

<sup>10</sup> COELHO, Eduardo Prado. Sophia: a lírica e a lógica. *Revista Colóquio Letras*, Lisboa, n. 57, 1980, p. 33.

caráter rural e isolacionista.<sup>11</sup> Para Salazar, a indústria era algo perturbador da ordem, por isso preferia que a população atuasse na agricultura. Outros alicerces da ideologia salazarista eram a nação, a religião e a família. A censura atuava nos silêncios das cidades e nos assuntos contrários ao poder da nação. Sophia relata as barbáries do regime no *Livro sexto* de 1962, como exemplo, no poema *Carta aos amigos mortos*:

Nada me resta senão olhar de frente  
Neste país de dor e incerteza.  
Aqui eu escolhi permanecer  
Onde a visão é dura e mais difícil.<sup>12</sup>

O regime de Salazar em Portugal foi um processo repressivo realizado em nome da nação. Quem é contra o governo é contra a nação. Consequentemente, é plausível exercer a repressão ao defender o regime e os direitos da pátria. O dia 25 de abril é a data em que regime foi derrubado, *Dia da liberdade*. O evento, chamado a *Revolução dos Cravos*, produziu um governo democrático e uma nova Constituição, em 1976. A persistente rebelião na escrita de Sophia contra a prisão social de Portugal salazarista é que vai deixá-la escrever sobre esse dia:

---

<sup>11</sup> BRITO, Sandra Beatriz Salanave de. *Sinuosos caminhos de abril: três olhares sobre a revolução dos cravos*. 2009. 97 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

<sup>12</sup> ANDRESEN, op. cit., 1944, p. 91-153.

Esta é a madrugada que eu esperava  
 O dia inicial inteiro e limpo  
 Onde emergimos da noite e do silêncio  
 E livres habitamos a substância do tempo.  
 Quando eu morrer voltarei para buscar  
 Os instantes que não vivi junto do mar.<sup>13</sup>

Em 1977, publicou o livro *O nome das coisas*, em que apresenta o particular da política, sobretudo o seu posicionamento liberal que fez com que fosse eleita para participar da Assembléia Constituinte de 1975. Como exemplo desta análise estética, transcrevo o poema *Liberdade*:

O poema é  
 A liberdade  
 Um poema não se programa  
 Porém a disciplina  
 – sílaba por sílaba –  
 O acompanha  
 Sílaba por sílaba  
 O poema emerge  
 – Como se os deuses o dessem  
 O fazemos.<sup>14</sup>

Outro exemplo comparável é o poema *Revolução*, no qual o evento político aparece “Como página em branco / Onde o poema emerge”<sup>15</sup>, ou no poema *25 de Abril*, que inicia com esta estrofe:

---

<sup>13</sup> *Revista Colóquio Letras*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, n. 176, 2011, p. 15.

<sup>14</sup> ANDRESEN, op. cit., 1944, p. 11-15.

<sup>15</sup> ANDRESEN, op. cit., 1944, p. 196.

“Esta é a madrugada que eu esperava.”<sup>16</sup> No mesmo livro, o poema *Com fúria e raiva*, de junho de 1974. Trata-se de um exemplo da crítica ao contexto político:

Com fúria e raiva acuso o demagogo  
 E o seu capitalismo das palavras  
 Pois é preciso saber que a palavra é sagrada  
 Que de longe muito longe um povo a trouxe  
 E nela pôs sua alma confiada  
 De longe muito longe desde o início  
 O homem soube de si pela palavra  
 E nomeou a pedra, a flor, a água  
 E tudo emergiu porque ele disse  
 Com fúria e raiva acuso o demagogo  
 Que se promove à sombra da palavra  
 E da palavra faz poder e jogo  
 E transforma as palavras em moeda  
 Como se fez com o trigo e com a terra.<sup>17</sup>

A fúria com a política é apresentada pela palavra que emergiu do poder imposto pela ditadura. Para Sophia, a palavra cria o equilíbrio do homem consigo e com o universo e clarifica a realidade:

[...] mas já no mar a luz rodeia a Balança. A linha das águas é lisa e limpa como um vidro. O azul recorta os promontórios aureolados de glória matinal. Tudo está vestido de solenidade e de nudez. Ali que eu queria chorar de gratidão com a cara encostada contra as pedras.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> ANDRESEN, op. cit., 1944, p. 195.

<sup>17</sup> ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. O nome das coisas. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1991, v. 1, p. 199.

<sup>18</sup> *Revista Colóquio Letras*, op. cit., 2011, p. 20.

O ancoramento no mar está na busca de equilíbrio constituído por palavras que se referem ao decorrer do presente contemplado e vivenciado. Como Sophia alude: “O verso é denso, tenso como um arco, exatamente dito, porque os dias foram densos, tensos como arcos, exatamente vividos [...] e, no quadro sensível do poema vejo para onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino, a minha vida.” A poesia aparece como experiência de vida e de liberdade, e da intervenção emerge o equilíbrio procurado:

A arte e a vida de Sophia brotam da experiência do próximo, daquilo que está no mundo, de um mundo que se escrutina até se confundir com os seus elementos primordiais: o vento que passa, o cintilante deus Sol, o dialecto mar ou o jardim ao qual ela permanece por um pacto íntimo que só os poetas são capazes de firmar com a Natureza e com a natureza deles próprios.<sup>19</sup>

A poesia e sua relação com o universo sensível, inundado de luz ao emergir da claridade da realidade. Na escrita de Sophia é revelado o fato histórico entre os elementos reais da vida e as palavras e metáforas que dão significados ao mundo:

[...] a poesia é minha explicação com o universo, a minha convivência com as coisas, a minha participação no real, o meu encontro com as vozes e as imagens. Por isso o poema não fala de uma vida ideal, mas sim de uma vida concreta: ângulo da janela, ressonância das ruas, das cidades e dos quartos, sombra dos muros, aparição de rostos, silêncio, distância e brilho das estrelas, respiração da noite, perfume da tília e do orégão. [...] se um poeta diz “obscuro”, “amplo”, “barco”, “pedra”

---

<sup>19</sup> *Revista Colóquio Letras*, op. cit., 2011, p. 23.

é porque estas palavras nomeiam a sua visão do mundo, a sua ligação com as coisas. Não foram palavras escolhidas esteticamente pela sua beleza, foram escolhidas pela sua realidade.<sup>20</sup>

O ofício sacral do poeta é preencher a página branca de signos e cifras, fragmentos de uma realidade eterna que vão, pouco a pouco, combinando-se na imagem reconstruída do mundo. Sophia e seu companheiro de viagem, João Cabral, compreendem com profundidade o brotar do mar da vida que habitam. Uma ausência, um não-lugar, que na poesia de João Cabral se faz mar de possibilidades. O mundo, a humanidade, a vida surgem apenas quando nomeadas pela palavra poética. Constrói uma imagem do poeta que se coloca no porto em busca da decisão de duas direções da experiência. A primeira delas, a vida individual da consciência e, na outra direção, a vida coletiva da história. Nesse porto, investe na representação da própria vivência pessoal, na sua experiência para compreender a realidade histórica da sociedade portuguesa.

E é por isso que os poetas brotam palavras e significados ao criarem a justiça pela poesia. “[...] pois a justiça se confunde com aquele equilíbrio das coisas, com aquela ordem do mundo onde o poeta quer integrar o seu canto [...] a moral do poema não depende de nenhum código, mas, porque é uma realidade vivida, integra-se no tempo vivido.”<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> *Revista Colóquio Letras*, op. cit., 2011, p. 17.

<sup>21</sup> ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Arte poética. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. Lisboa: Caminho, 1990, v. 1. (Discurso de recepção do Grande Prêmio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, atribuído a Livro Sexto, lido em 11 de julho de 1964, na sede da Associação).

Essa afirmação, inerente ao sentido de justiça e de realidade, inunda de forma invasiva e permanente a própria essência do fazer poético da autora e vai ao encontro do próprio modo como a poetisa se coloca perante a política do seu país, provocando uma postura, como mulher e intelectual, de intransigente resistência relativamente à barbárie do regime salazarista.

A arte se transforma em memória, registro de um tempo, ou superposição de *ágoras* incorporadas ao gesto que tornam a superfície aparente à visualidade do contexto e de tempos. E o tempo provoca o movimento de pensamento no poema que procura a essência do equilíbrio entre a palavra e a vida experimentada e habitada. A arte deposita a compreensão do possível em um campo de provocações e de crítica na navegação de marés que representam com atenção aos perigos que envolvem o “habitar o tempo”. Assim, os sentidos representados pelas palavras podem ser lidos na arte por meio de sua reversibilidade em estratos temporais e espaciais.

Os tempos que brotaram no percurso do poeta em sua obra e a relação desta com o entorno histórico, corresponde à condução do tema “vida” e estabelecem uma periodização fluida, porque sujeita a intermitências e retomadas constantes no mar de possibilidades.

O poema não só orienta o devir, mas abre espaços de críticas e amplia horizontes. O poema pode ser comparado metaforicamente como uma ilha que se encontra no meio de um mar inóspito. Só a partir do momento da sua conquista, o homem trabalha e gera sabedoria

e novos percursos em um mar de perspectivas. Ao conquistar novo território, descobre o que, de certo modo, já preexistia, mas transforma ao criar e provocar.

O poeta ocupa essa ilha, espaço onde engendra e cria. A circunstância, o contexto, as vivências do poeta acentuam os seus limites ao colonizar a ilha de saberes múltiplos. Nesse novo território, o seu povo, a sua condição, a ocupação do espaço são delimitados pela política e suas ações. O mergulho no mundo das palavras cria acessos e espaços que disponibilizam várias realidades com abertura e possibilidade de crítica. O movimento de não adequação ao momento presente, principalmente aos períodos de ditaduras, como analisado nos capítulos, leva o poeta pernambucano a criar e navegar no mar das artes. Nesse movimento da maré, o mundo e a arte se tornam políticas.

O deslocamento provoca o leitor mostrando-lhe que a arte pode ser determinante para criar novas possibilidades de acesso a espaços, muitas vezes proibidos, tanto para si próprio como ao mundo que o rodeia. As possibilidades que surgem com a arte propõem a descoberta não só do que ainda não conhecemos, mas, também, e talvez mais determinante, do que já está próximo de nós. A arte nos apresenta o novo em transformação, mesmo que não mude o contexto ou altere o olhar referente ao tempo vivido. João Cabral vive sua viagem artística ao representar em muitos poemas a luta dramática nordestina, espanhola e universal da palavra contra a violência política vigente. A linguagem concisa de seus poemas gera a



reflexão acerca da própria poesia, da sutileza dialética dos gestos. As notícias e as imagens do cotidiano surgem filtradas no espaço impresso. O foco de sua obra está no encontro com outras culturas, vivências e experiências que possibilitaram a comunicação com o leitor.

A arte tem o compromisso com a estética adotada pelo artista e o historiador a utiliza para demonstrar a realidade e a recuperação de imagens e contextos. A arte presentifica temporalidades em busca de transformações e identidade. A história e a literatura são dois discursos de possibilidades de interpretação do mundo. A história apresenta as idéias, as mediações culturais, visão de mundo, tensões de uma época, influência de outros e dialoga com o escritor no seu tempo, encontro entre texto e contexto.

A diferença será a ênfase na experiência, por parte do escritor João Cabral, creditada à práxis que coloca o homem como ser ontocriativo, isto é, como indivíduo que, ao interagir com o mundo, modela seus pensamentos e ações. A outra reflexão virá do encurtamento da distância. Tendo vivenciado de forma direta e intensa o ambiente de suas representações poéticas, João Cabral procurará reduzir a distância entre seus poemas e seus dados referenciais. O poeta não dialoga em abstrato e, sim, com culturas amplas e distintas, já que as palavras são procedentes de vivências históricas.

O poeta constrói sua obra na interação dialética com a história. O texto poético é impregnado de marcas sociais e históricas. Como alude Raymond Williams: “nenhum modo de produção e,

portanto, nenhuma ordem social dominante e, portanto, nenhuma cultura dominante, nunca, na realidade, inclui ou esgota toda a prática humana, toda a energia humana e toda a intenção humana.”<sup>22</sup> Sabe-se que a escrita, modelada pela práxis social, desempenha uma função cumulativa, trazendo em sua forma o saber “acumulado” pela humanidade em sua história.

A arte, em muitos momentos, conceituada como cubismo, surrealismo, nacionalismo, regionalismo, é, na realidade, uma obra artística acompanhada da política, da pintura, das vivências que cada um destes momentos históricos de repressão e se apresenta na articulação de diversas questões abarcadas em toda a obra de João Cabral. A mimese interna da obra, marcando os vários instantes e relações dos temas sobre a vida, embora sempre permanecendo em rastro, marca sua relação com a historicidade e a apreensão contemporânea que dela se faz. Sendo assim, tanto João Cabral quanto Sophia de Mello atravessaram o mar de um lado a outro, deixando sinais a um além de si universal de suas obras ao “dar a ver” e sentir as imagens e possibilidades de provocações em um mar transitável e possível na história.

---

<sup>22</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 128.

## Referências

### Bibliografia

COELHO, Eduardo Prado. Sophia: a lírica e a lógica. *Revista Colóquio Letras*, Lisboa, n. 57, 1980.

BRITO, Sandra Beatriz Salanave de. *Sinuosos caminhos de abril: três olhares sobre a revolução dos cravos*. 2009. 97 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

GALVE, Fernanda Rodrigues. *Ser(tão) Severino: memórias poéticas de João Cabral de Melo Neto (1950-1960)*. 2006. 188 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2006.

NAVA, Luis Miguel. *Ensaio reunidos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

*Revista Colóquio Letras*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, n. 176, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

## Fontes

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Arte poética. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. Lisboa: Caminho, 1990, v. 1.

\_\_\_\_\_. O nome das coisas. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1991, v. 1.

\_\_\_\_\_. Poesia. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1944, v. 1.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*: volume único. Organização Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

**Recebido em 28 de janeiro de 2012; aprovado em 12 de junho de 2012.**